

A pandemia e as perspectivas de evolução do cenário energético global

HORTA, Luiz. "A pandemia e as perspectivas de evolução do cenário energético global". Editora Brasil Energia. Rio de Janeiro, 04 de maio de 2020.

Mesmo ainda no meio desse tremendo freio de arrumação trazido pela pandemia, já é possível tirar lições relevantes para as perspectivas do setor energético global e brasileiro. Está dramaticamente demonstrado pelas consequências das diferentes reações adotadas pelos países frente à pandemia, a importância de se definir estratégias baseadas em conhecimento científico consistente e a partir daí formular e implementar planos, especialmente na esfera do governo, que considerem efetivamente os cenários possíveis. É claro que isso vale para o setor energético, como afirmava Pierre Massé: o plano deve ser o "anti-hasard".

Os alertas dos epidemiologistas nos últimos anos para a ameaça crescente de graves epidemias de coronavírus, na esteira da SARS em 2003 e H1N1 em 2009, olímpicamente ignorados pelos governantes de plantão, soam parecidos aos sucessivos alertas da comunidade científica mundial para a necessidade urgente de se reduzir a elevação da temperatura do planeta. As mudanças climáticas de profundas consequências, já suficientemente demonstradas e percebidas, ainda que teimosamente ignoradas por alguns desinformados, têm entre suas causas principais as emissões no uso de combustíveis fósseis e impõem promover uma transição energética na direção da eficiência energética e fontes renováveis e sustentáveis.

Reconhecendo esse quadro, além das políticas públicas implementadas em diversos países, nos últimos anos na esfera privada importantes players como a Shell, BP e Repsol, e fundos de investimento ativos no setor energético global como o BlackRock, têm orientado claramente suas estratégias para a sustentabilidade e ultimamente reforçaram suas ações nesse sentido. A recente e impressionante apresentação de Bernard Looney para seu pessoal ao assumir a presidência da BP, ajuda a convencer os céticos quanto às densas mudanças de cenário que estamos atravessando.

Por conta de conquistas tecnológicas desenvolvidas ao longo de décadas na produção de eletricidade e combustíveis, o Brasil adiantou-se na transição energética e apresenta uma das matrizes energéticas mais sustentáveis do planeta, que cabe reforçar. É fundamental preservar essa posição e nossas vantagens comparativas, por seus amplos benefícios de longo prazo.

No âmbito dos combustíveis veiculares, a importante participação dos biocombustíveis, realidade atualmente buscada por diversos países, precisa ser resguardada da ameaça das volatilidades exógenas ou auto induzidas no preço internacional do petróleo, afetado pela atual financeirização e os fluxos intangíveis de energia, que conduz a preços distorcidos frente a uma oferta real inelástica, como ocorreu há poucos dias no mercado futuro nos Estados Unidos. A CIDE foi concebida visando amortecer essas situações e deve ser usada com urgência para preservar um mínimo da essencial previsibilidade no setor de combustíveis. No sentido correto, a competente implantação do Renovabio corresponde à adequada apropriação das

externalidades dos biocombustíveis e reforça sua competitividade, mas seus efeitos serão constatados apenas a médio prazo.

Uma área em que ainda temos muito por fazer é no fomento à eficiência energética, onde estamos acumulando um preocupante atraso em relação à maioria dos países, que têm logrado crescer quase sem expandir seu consumo de energia, promovendo equipamentos eficientes e adotando práticas corretas no uso da energia. Ainda que tenhamos acumulado um razoável acervo de realizações, especialmente no consumo final de eletricidade, é preciso retomar a ação do Estado nesse campo e voltar a promover a racionalidade energética, proporcionando qualidade de vida e produtividade mediante a redução de perdas e desperdícios de energia. Passada a pandemia, o consumo energético voltará a se expandir, desejavelmente em bases sustentáveis. Nesse sentido, o Plano Decenal de Eficiência Energética, em elaboração, desperta novas esperanças.

Luiz Horta é professor titular do Instituto de Recursos Naturais da Universidade Federal de Itajubá e consultor de agências das Nações Unidas (FAO, CEPAL, PNUD) em temas energéticos.